



A VOZ DE ZARATUSTRA E A FUNÇÃO DO ANALISTA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A FILOSOFIA DE F. W. NIETZSCHE E A PSICANÁLISE DE W. R. BION *

The voice of Zarathustra and the role of the analyst: possible dialogues between the philosophy of F. W. Nietzsche and the psychoanalysis of W. R. Bion

Rodrigo Vieira Marques **

Resumo: Este artigo investiga as relações entre a figura de Zarathustra, apresentada por Friedrich W. Nietzsche em *Assim Falou Zarathustra*, e o papel do analista na psicanálise de Wilfred R. Bion. Zarathustra, ao desafiar seus interlocutores a confrontarem suas limitações e transcendê-las, promove a desconstrução de valores herdados pela cultura e a criação de novos significados. Essa dinâmica filosófica encontra ressonância na prática psicanalítica, especialmente na função do analista como continente, capaz de sustentar o caos emocional e favorecer a transformação psíquica. A análise interdisciplinar entre os conceitos nietzschianos de superação, eterno retorno e criação e as noções bionianas de função alfa, capacidade negativa e “O” revela o potencial transformador da psicanálise como um campo de criação e liberdade. O artigo propõe, portanto, que a inspiração filosófica de Nietzsche amplia a compreensão do espaço analítico como um local de elaboração de nossas emoções e de autonomia.

Palavras-chave: F. W. Nietzsche. W. R. Bion. Zarathustra. Psicanálise. Filosofia e Psicanálise.

Abstract: This article investigates the relationships between the figure of Zarathustra, as presented by Friedrich Nietzsche in *Thus Spoke Zarathustra*, and the role of the analyst in Wilfred Bion’s psychoanalysis. Zarathustra, by

* Artigo recebido em 01.01.2025 e aprovado para publicação em 28.02.2025.

** Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Associado da Universidade Federal de Goiás. E-mail: rodrigomarques@ufg.br

challenging his interlocutors to confront their limitations and transcend them, promotes the deconstruction of values inherited by culture and the creation of new meanings. This philosophical dynamic finds resonance in psychoanalytic practice, especially in the role of the analyst as a container, capable of sustaining emotional chaos and favoring psychic transformation. The interdisciplinary analysis of Nietzschean concepts such as overcoming, eternal recurrence, and creation, alongside Bionian notions of alpha function, negative capability, and "O," reveals the transformative potential of psychoanalysis as a field of freedom and creativity. The article, therefore, proposes that Nietzsche's philosophical inspiration expands the understanding of the analytic space as a place for the elaboration of emotions and autonomy.

Keywords: F. W. Nietzsche. W. R. Bion. Zarathustra. Psychoanalysis. Philosophy and Psychoanalysis.

Introdução

A psicanálise freudiana, muitas vezes, entendida no contexto de uma psicanálise tradicional, buscou construir e sistematizar um aparato metapsicológico voltado à compreensão do funcionamento psíquico em termos de conflitos intrapsíquicos e estruturas mentais. Em contraste, os desdobramentos e as expansões das ideias de Freud, por sua vez, situados no campo da psicanálise pós-freudiana ou contemporânea, nem sempre sinônimas, englobam perspectivas que expandem ou divergem das formulações originais, como as ideias de Winnicott sobre o self verdadeiro e falso, e as contribuições de Bion sobre a função alfa e a capacidade negativa. Não é simples falar da psicanálise freudiana como tradicional em oposição à psicanálise pós-freudiana, por um lado, porque já encontramos no próprio Freud divergências e expansões de seu pensamento. Por outro, isso se dá porque seus contemporâneos já se mostravam insatisfeitos a muitas de suas concepções metapsicológicas ou clínicas, nutrindo desde as origens do movimento psicanalítico divergências ou mesmo dissidências. Neste contexto, quando nos propomos a relacionar a filosofia nietzschiana e a Psicanálise, cabe sempre a pergunta de que psicanálise estamos tratando.

O diálogo entre a filosofia de Nietzsche e a psicanálise freudiana expõe uma complexidade que não se limita a uma simples interseção de ideias. Freud, embora tenha reconhecido a relevância de Nietzsche como precursor da "psicologia das profundezas",¹ evitou explicitamente integrá-lo em sua sistematização, o que revela uma tensão entre a pretensão inicial de se construir um saber científico, herdeiro das "ciências da natureza", embora não totalmente desvinculado das "ciências do espírito", e a poética

¹ Cf. ASSOUN, P.-L. *Freud and Nietzsche*. London; New York: Continuum, 2002.

fragmentária do filósofo.² Essa tensão reflete-se, por exemplo, na tentativa de articular o conceito nietzschiano do *Übermensch* (super-homem) com o papel do *Über-Ich* (Supereu) na psicanálise. Enquanto Nietzsche propõe a superação do ressentimento como um desafio à criação de valores afirmativos, Freud reconhece o Supereu como uma instância que, apesar de repressiva, é necessária para a socialização humana. Essas diferenças levantam questões sobre como reconciliar uma crítica radical à moralidade com uma prática clínica orientada para a elaboração de conflitos psíquicos.³

Nesta perspectiva, embora Nietzsche tenha antecipado várias ideias centrais da psicanálise freudiana, como a crítica ao ressentimento e à moral repressiva, bem como a ênfase nas forças inconscientes, há diferenças consideráveis, a começar pelo que distingue o trabalho filosófico e algumas pretensões clínicas, infelizmente, nem sempre comprometidas com a dissolução de uma moral de rebanho. Isso implica considerar que, ainda que a filosofia de Nietzsche seja frequentemente relacionada à psicanálise, atribuir ao filósofo, por exemplo, o papel de “psicanalista” levanta questões críticas que exigem uma análise mais cuidadosa, não sendo essa a pretensão deste artigo. Apesar de existirem pontos de contato entre o pensamento nietzschiano e os princípios da prática psicanalítica, como o convite à transformação e a superação de valores herdados pela cultura, é fundamental destacar as divergências metodológicas, epistemológicas e éticas que tornam a comparação problemática. Em outros termos, apesar dos trabalhos teóricos sobre as proximidades entre Freud e Nietzsche, quando consideramos a *episteme* que conduz certas práticas clínicas que se denominam psicanalíticas, a distância aumenta.

No horizonte dessas tentativas de diálogo, *Assim Falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche, surge como uma obra especialmente desafiadora, não apenas pela densidade de sua linguagem poética e simbólica, mas também pela radicalidade de suas proposições filosóficas. Uma das primeiras dificuldades reside no estilo de Nietzsche. A linguagem de Zaratustra é deliberadamente ambígua, repleta de metáforas e paradoxos que resistem à categorização analítica tradicional. Enquanto a psicanálise tradicional demanda clareza conceitual para construir suas teorias e intervenções clínicas, a obra de Nietzsche rejeita qualquer sistema fixo, privilegiando a fluidez e a multiplicidade de interpretações. Essa diferença estilística coloca em questão a viabilidade de uma leitura psicanalítica de um texto que não se pretende científico ou sistemático. Essas dificuldades, no entanto, não impediram debates e trabalhos que buscaram, entre os dissensos, pontos convergentes, o que, certamente, torna-se mais evidente quando, na psica-

² Cf. ASSOUN, *Freud and Nietzsche*; COUSINEAU, R. H. *Zarathustra and the Ethical Ideal: Timely Meditations on Philosophy*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

³ Cf. ASSOUN, *Freud and Nietzsche*.

nálise contemporânea, não se predomina mais a pretensão de se vincular a uma concepção clássica de ciência. É neste ponto que parece possível a releitura do Zaratustra nietzschiano a partir do pensamento clínico de Bion.

A figura de Zaratustra, tal como esculpida por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, ergue-se como um modelo de transformação que expande os moldes clínicos tradicionais. Distanciando-se do papel convencional de um mestre que oferece verdades fixas e inquestionáveis, Zaratustra se configura como um instigador filosófico, desafiando seus interlocutores a enfrentarem suas limitações, questionarem os valores que os aprisionam e, com audácia, reconstruí-los. Essa dinâmica, marcada pela desconstrução de certezas e pela abertura para a criação de novos horizontes, estabelece um paralelismo significativo com a psicanálise de Bion. A perspectiva bioniana, em conceitos como função continente, capacidade negativa e a dinâmica de transformação psíquica, ressoa com a mesma exigência de sustentar o caos emocional e transformar o desconhecido em campo fértil para novas significações e expansões. Tanto na filosofia nietzschiana quanto na psicanálise bioniana, há um compromisso intrínseco com a criação de espaços nos quais se possa enfrentar e atravessar o desconhecido, permitindo que do caos surjam possibilidades renovadas de existência e sentido.

Embora marcadas por diferenças metodológicas e objetivos distintos, as reflexões de Nietzsche encontram um eco significativo em conceitos desenvolvidos por Bion. A ideia bioniana de tolerância ao caos e à frustração encontra ressonância na filosofia trágica de Nietzsche, que valoriza a aceitação do sofrimento como parte inescapável da existência. Tanto Nietzsche quanto Bion rejeitam explicações simplistas ou reconfortantes, enfatizando a necessidade de confrontar o desconhecido. O conceito de eterno retorno em Nietzsche, por exemplo, pode ser entendido, mais do que a expressão da pulsão de morte, como uma forma de “contenção do desconhecido”, um desafio ético que convida o sujeito a afirmar sua vida em sua totalidade, incluindo seus aspectos mais dolorosos. Esse conceito dialoga com a capacidade negativa em Bion, que se refere à habilidade de tolerar a incerteza e o caos sem buscar soluções imediatas ou ilusórias. Zaratustra, por conseguinte, pode ser lido como uma figura de “continente psíquico”, cuja função envolve sustentar o confronto com a capacidade de “sofrer a dor”, pois sem essa capacidade seria impossível também “sofrer o prazer”.⁴

Este artigo, portanto, propõe-se a investigar essas problematizações, reconhecendo tanto os limites quanto as possibilidades de um diálogo entre a filosofia de Nietzsche e a psicanálise bioniana. A partir dessa interação, é possível vislumbrar como a figura subversiva de Zaratustra encontra eco nas expansões da teoria psicanalítica presente no pensamento bioniano.

⁴ BION, W. R. *Attention and interpretation: A scientific approach to insight in psycho-analysis and groups*. London: Routledge, 2013.

Essa conjunção sugere a conjectura de um “psicanalista bionianamente zaratustriano”, uma posição que se opõe ao *establishment* analítico, assim como o Zaratustra de Nietzsche encontra sua potência ao se tornar um anti-Zaratustra histórico. Tal perspectiva convida à reflexão sobre a subversão como motor ético e epistemológico tanto na filosofia quanto na prática psicanalítica.

1. Um ponto de partida: a reescrita nietzschiana do Zaratustra histórico

Segundo Pirard,⁵ o subtítulo “um livro para todos e para ninguém” em *Assim Falou Zaratustra* traduz a intenção de Nietzsche de selecionar cuidadosamente seu público-alvo, afastando-o das dinâmicas de mercado e dos valores predominantes. Em *Ecce Homo*,⁶ Nietzsche caracteriza seu leitor ideal como alguém de coragem extraordinária, curiosidade aguçada e astúcia singular, qualidades que lhe permitem enfrentar os desafios do pensamento e desbravar territórios intelectuais perigosos. Este leitor, simbolizado pela figura do “adivinho”, ultrapassa a lógica dedutiva convencional ao enxergar além da evidência imediata, corroborando a tentativa nietzschiana de deslocar sua filosofia das formas tradicionais de raciocínio. Nesse sentido, a distinção estabelecida por Nietzsche entre dedução, intuição e adivinhação reflete uma trajetória que transita da filosofia como doutrina até a filosofia pura, valorizando a adivinhação como um ato capaz de ultrapassar os limites da percepção cartesiana, alcançando terrenos obscuros e crepusculares. Essa abordagem revela a exigência de Nietzsche por leitores capazes de interpretar sua obra de maneira independente e transformadora, desafiados a adentrar um pensamento que não busca convencer, mas propor rupturas e iluminar os aspectos mais recônditos da realidade.⁷

Tendo delineado assim seu leitor já no subtítulo, Pirard observa também que Nietzsche, ao ressignificar Zaratustra, transforma essa figura histórica em um símbolo filosófico que desafia as bases da moralidade tradicional. Reconhecido historicamente como fundador do zoroastrismo e articulador da dicotomia entre bem e mal, Zaratustra é reinterpretado por Nietzsche como aquele que não apenas inaugura a moralidade, mas também carrega o impulso de transcendê-la. Essa superação, como destaca Pirard, utiliza o próprio espírito de veracidade que sustenta a moral para rompê-la, propondo uma visão filosófica que acolhe a amoralidade intrínseca da

⁵ PIRARD, E. C. *Para Leer Así Habló Zaratustra: Nietzsche*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2002.

⁶ NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁷ Cf. PIRARD, *Para Leer Así Habló Zaratustra*.

vida. Neste contexto, Nietzsche rejeita a estrutura cosmológica organizada por valores antagônicos e propõe uma nova compreensão da existência, marcada pela aceitação integral da vida em sua complexidade. Assim, a relação entre o Zaratustra histórico e o nietzschiano evidencia a transição de um modelo que funda a moralidade para outro que a transcende, promovendo uma ruptura radical com as construções metafísicas e religiosas que centralizam o homem na organização do universo.

A escolha de Zaratustra como protagonista por Nietzsche reflete uma ironia estratégica, revisitando e subvertendo os ensinamentos do profeta persa, logo, rompendo com o dualismo moral e instaurando novos valores centrados na veracidade. Para Nietzsche, a verdade exige confronto com a realidade, rejeitando distorções metafísicas reconfortantes. Essa crítica, como observa Pippin,⁸ vai além da moralidade cristã, promovendo um pensamento autônomo que evita tanto o hedonismo quanto a violência irracional. Em *Ecce Homo*, Nietzsche destaca Zaratustra como o primeiro a reconhecer e tentar superar o erro catastrófico do dualismo moral, propondo uma “autossuperação da moralidade pela verdade”. Essa abordagem oferece uma alternativa que liberta do dualismo absoluto sem cair na anarquia moral, apresentando um horizonte ético que transcende as limitações impostas pela sociedade.⁹

No desenvolvimento de suas ideias, Nietzsche enfatiza como se pode reconhecer as limitações das formas de vida e buscar algo superior, mesmo quando os fundamentos tradicionais, como religião e moralidade, já não oferecem orientação. Essa transição, segundo Pippin, reflete o desafio central de reconfigurar a temporalidade, eixo da proposta nietzschiana. Deste modo, por um lado, Zaratustra assume o papel de profeta, com uma linguagem simbólica que evoca a solenidade das escrituras religiosas, por outro, essa estrutura desconstrói o dualismo moral, apresentando o *Übermensch* como um ideal que transcende as dicotomias infligidas por essa moralidade. Assim, o personagem carrega a mensagem da “morte de Deus”, marcando a ruptura com valores tradicionais e abrindo caminho para a emancipação humana. Como observa Pirard, o estilo monumental e autossuficiente da obra não visa persuadir, mas revelar verdades fundamentais a partir de uma linguagem comparável a uma obra de arte, o que conecta Nietzsche à tradição de pensadores pré-socráticos que usavam discursos enigmáticos para demandar uma postura que desafiava a linearidade do pensamento, diferentemente da retórica universalista do cristianismo medieval. Daí o discurso de Zaratustra:

Mas Zaratustra olhou para o povo e se admirou. Então falou assim: O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem — uma corda sobre

⁸ PIPPIN, R. B. (Ed.). *Introductions to Nietzsche*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

⁹ Cf. PIRARD, *Para Leer Así Habló Zaratustra*.

um abismo. Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para trás, um perigoso estremecer e se deter. Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio. Amo aqueles que não sabem viver a não ser como quem declina, pois são os que passam. Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes reverenciadores, e flechas de anseio pela outra margem. Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do super-homem. Amo aquele que vive para vir a conhecer, e que quer conhecer para que um dia viva o super-homem. E assim quer o seu declínio.¹⁰

A humanidade, segundo Nietzsche, é um processo de construção e superação que exige que se transcenda a alienação e a dependência impostas por estruturas metafísicas que negam os impulsos vitais. Essas estruturas, vistas por Nietzsche como expressões de um niilismo passivo, refletem um desprezo pela vida e pela potência criativa do homem, perpetuando uma existência submissa e desvinculada do pleno enfrentamento da realidade.¹¹ A metáfora do homem como “ponte” e não como “fim” reflete sua condição transitória entre o animal e o super-homem, destacando tanto os perigos quanto as possibilidades de superação. Para enfrentar uma jornada em que se é projetado para além de si mesmo, Nietzsche enfatiza, no dizer de Beya,¹² que o homem deve adotar uma postura ativa diante da vida, enfrentando seus desafios como um “artista trágico”, metáfora que ilustra a capacidade de transformar sofrimento e caos em fontes de criação. Esse artista, ao invés de se limitar à passividade ou ao conformismo, encontra na tragédia o impulso para inventar novos significados que transcendam as categorias de bem e mal. Abandonar a obediência passiva às normas externas e aprender a comandar a si mesmo tornam-se, assim, passos essenciais nesse processo, que exige a coragem de inventar um caminho próprio e singular.

Nesta perspectiva, a distância entre o homem e o super-homem, comparável à que separa o homem do animal, reforça a visão de Nietzsche sobre o homem como uma promessa inacabada. Para o filósofo, o super-homem ainda não é uma realidade, mas uma responsabilidade ética que recai sobre o homem, pois avançar em direção à sua realização significa não apenas criar-se como aquilo que tem o potencial de vir a ser, mas também assumir um compromisso com a criação de novos valores. Esse ideal ético exige do homem a capacidade de confrontar a própria existência e transformar sua relação com o mundo, rejeitando moralidades que neguem a vida e afirmando uma autonomia criativa, o que simboliza a superação contínua e

¹⁰ NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra*. Companhia das Letras, 2011, p. 13.

¹¹ Cf. BEYA, E. M. *Friedrich Nietzsche: une pensée en perpétuelle métamorphose*. Louvain-la-Neuve: Éditions Academia, 2024.

¹² Cf. *ibid.*

a criação de valores que rompem com as limitações tradicionais. O super-homem, nesse contexto, não apenas emerge como resposta à decadência moral da humanidade, mas também inaugura um horizonte ontológico no qual o homem não se restringe à condição meramente reativa de destruidor para afirmar-se como criador de valores inéditos.

Para Beya, o super-homem nietzschiano simboliza não uma ruptura com o passado em si, mas um diálogo ativo com ele, reconfigurando suas limitações em possibilidades de renovação. Essa nova configuração existencial se fundamenta em uma liberdade que não se define pela ausência de vínculos ou pela negação passiva das obrigações, mas pela afirmação plena de uma autonomia ativa, construída pela autodisciplina e pela capacidade de comandar a si mesmo. Nesse sentido, o ideal nietzschiano do super-homem é inseparável de uma noção de liberdade que se revela criadora e profundamente responsável, refletindo um compromisso ético com a própria existência e com a humanidade. O conceito de indivíduo soberano, descrito por Nietzsche como “aquele que pode prometer”, encapsula o estado último dessa emancipação ética e criativa. Esse indivíduo transcende os limites impostos pela metafísica, pela religião e pela moralidade tradicional, alcançando uma autonomia radical que lhe permite não apenas assumir compromissos, mas manter-se fiel a eles por meio de uma consciência que integra liberdade e poder. Como observa Beya, essa fidelidade ao que é prometido reflete uma soberania que não é meramente formal ou abstrata, mas que encarna a essência do pensamento nietzschiano: a capacidade do homem de se constituir como artífice de sua própria existência, assumindo a responsabilidade de moldá-la como uma obra de arte viva e única.

Nesta linha, Pippin¹³ analisa o conceito de “superção de si mesmo” (*Selbstüberwindung*), central em *Assim Falou Zaratustra*, ressaltando que ele não implica a busca por um estado final ideal ou estável, mas uma constante transformação dos valores e metas que orientam a vida. A obra, profundamente figurativa, apresenta a “vontade de poder” não como uma mera ambição psicológica, mas como o fluxo inexaurível da vida e das transformações históricas, nas quais a obediência, o comando e a experimentação desempenham papéis cruciais. Para Zaratustra, viver verdadeiramente exige a capacidade de sustentar compromissos, mesmo sob condições históricas mutáveis, e encontrar maneiras de transcender os valores anteriores sem perder a disposição de desejar e criar novamente.

Zaratustra identifica a superção de si mesmo como uma necessidade existencial, vinculada à “consciência intelectual” que nos faz perceber que nosso estado atual deve ser superado. Ele afirma que a vida, em sua essência, é algo que deve constantemente superar a si mesma, e que

¹³ Cf. PIPPIN, *Introductions to Nietzsche*.

a verdadeira realização reside na habilidade de exercer poder sobre si mesmo, tanto na obediência quanto no comando. Essa superação não significa alcançar um estado fixo de perfeição, mas manter-se em movimento, desafiando e reconstruindo continuamente os valores e ideais.¹⁴ Zaratustra observa que aqueles que não conseguem governar a si mesmos acabam sendo governados por outros, destacando a complexidade de comandar e obedecer. A superação de si mesmo requer a disposição para abandonar ideais que não mais servem à transformação pessoal, enquanto se mantém uma identificação apaixonada com novas metas. Esse processo exige um equilíbrio delicado entre o comprometimento pleno com os ideais e a capacidade de desapegar-se deles quando necessário, evitando a complacência e a estagnação.

Como se pode observar, Zaratustra simboliza o projeto do “espírito livre”, tal como introduzido em *Humano, Demasiado Humano*,¹⁵ desafiando o leitor a reavaliar suas orientações éticas e existenciais¹⁶ a partir de uma liberdade ativa que rejeita a distinção entre aparência e realidade e promove a reinvenção contínua de valores. Para Nietzsche, essa liberdade exige superar ideais transcendentais e romper com a apatia, adotando tanto uma vida de autoafirmação e criação incessante, como rompendo com tradições e mestres, cujo resultado é um processo transformador de autodomínio e reconstrução. Ele encarna a força criativa necessária para transformar a si mesmo e a humanidade, estabelecendo novos valores e leis que guiam a existência em direção à grandeza, haja vista que essa liberdade não se define pela ausência de obrigações, mas pela capacidade de remodelar o mundo, fazendo do homem o artista de sua própria existência.¹⁷ Essa liberdade é profundamente individual, enraizada na vontade de potência, que rejeita práticas morais universais e afirma o indivíduo como criador de sua história, mediante uma emancipação que envolve uma metamorfose contínua.

Em síntese, a releitura de Zaratustra empreendida por Nietzsche representa uma ruptura radical com os valores e estruturas estabelecidas, promovendo uma ética fundada na criação autônoma e na superação dos limites impostos pela moralidade tradicional. Nesse movimento, Zaratustra emerge como símbolo da transformação humana, conduzindo o homem da condição reativa de destruidor para a afirmação criadora de novos valores. Ao ressignificar a figura histórica do profeta persa, Nietzsche articula uma visão filosófica que rejeita dicotomias absolutas e enfatiza a transvaloração como caminho para a emancipação. Essa subversão do Zaratustra histórico encontra um eco inesperado na psicanálise contemporânea,

¹⁴ Cf. *ibid.*

¹⁵ NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁶ Cf. PIPPIN, *Introductions to Nietzsche*.

¹⁷ Cf. BEYA, *Friedrich Nietzsche: une pensée en perpétuelle métamorphose*.

particularmente na teoria de Bion, cujo modelo do analista transcende a neutralidade técnica tradicional para assumir uma função ativa e criativa no processo analítico. Assim como Zaratustra rompe com valores antigos para inaugurar horizontes éticos inéditos, o analista bioniano atua como continente psíquico, acolhendo o sofrimento e transformando experiências caóticas em sentidos renovados. Desse modo, será discutido a seguir como o Zaratustra nietzschiano e a função do analista proposta por Bion se entrelaçam, destacando a ressonância entre a criação de novos valores filosóficos e o potencial transformador da psicanálise.

2. A Teoria das Funções de Wilfred Bion: o papel da função alfa

O papel do analista é um pilar fundamental na prática psicanalítica, assumindo distintas nuances ao longo da evolução teórica da psicanálise, desde a neutralidade analítica proposta por Freud, que privilegiava uma postura de distanciamento e objetividade, até a ideia de função continente elaborada por Bion. No modelo bioniano, o analista atua como um continente psíquico, processando experiências caóticas e devolvendo-as ao analisando de maneira organizada. Essa abordagem exige que o analista tolere o “não-saber”, sustentando o desconhecido e as emoções intensas sem respostas imediatas ou reconfortantes. Dessa forma, o analista não se limita à interpretação clássica, ocupando um papel dinâmico e relacional que facilita a transformação psíquica do analisando. Bléandonu¹⁸ destaca que a teoria bioniana das funções também estabelece um vínculo intrínseco com conceitos como transferência e inveja, os quais, ao se combinarem, dão origem a funções psíquicas discerníveis. Bion, ao explorar tais fenômenos, sublinha a natureza fluida de sua abordagem, indicando que as funções podem, conforme o contexto, assumir o papel de fatores, o que revela a flexibilidade teórica que permeia sua proposta. Essa abertura à multiperspectividade reflete o esforço de Bion para evitar uma rigidez conceitual que poderia limitar o potencial de aplicação clínica, remetendo à ênfase prática que marcou seu trabalho anterior em grupos, no qual o valor pragmático de suas formulações era prioritário.

Bion, ao construir um modelo metafórico para suas abstrações, utiliza a fase oral do processo alimentar como base para desenvolver um mito sobre as origens do pensamento. Ele situa a origem da capacidade de pensar no aparato destinado a tratar as impressões sensoriais provenientes do canal alimentar. O exemplo paradigmático é o do lactente que, ao ser amamentado, recebe não apenas o leite, mas também sentimentos de segurança,

¹⁸ BLÉANDONU, G. *Wilfred Bion: His life and works*. New York: Other Press, 2000.

bem-estar e amor. Enquanto o leite é processado pelo canal alimentar, os aspectos emocionais requerem outro tipo de recepção, levando Bion a propor a existência de um canal alimentar psicossomático que funcione em sincronia com o seio materno, proporcionando bons objetos internos juntamente com o leite. Ele diferencia, assim, “necessidade” de “desejo” ao atribuir ao bebê uma percepção de insatisfação sem plena consciência de suas necessidades, propondo que o lactente possui um órgão sensorial para qualidades psíquicas, permitindo-lhe lidar com frustrações que transfiguram demandas físicas em emocionais, como exemplificado pelo “seio mau”; nesse processo, o “seio bom”, vivenciado como ausência, transforma a insatisfação em satisfação e origina a consciência psíquica, sendo os elementos alfa fundamentais para o pensamento, enquanto os elementos beta permanecem inadequados e limitados a projeções e atuações. A contenção materna, central para o desenvolvimento mental, permite a transformação de projeções do bebê e sua reintegração, com respostas empáticas que promovem a autonomia do pensamento, em contrapartida a soluções indiscriminadas que podem confundir o bebê e dificultar seu progresso; na clínica, o analista assume o papel de “mãe psíquica” ao conter angústias e oferecer interpretações integradoras.

Ao tecer esse mito, Bion¹⁹ concebe a função alfa como um elemento central na dinâmica psíquica, sendo responsável pela conversão de impressões sensoriais e experiências emocionais em elementos alfa, que são indispensáveis para o pensamento consciente e onírico. Segundo Bléandonu,²⁰ a função alfa transforma os caóticos e não processados elementos beta, comparáveis às “coisas em si” kantianas, em fenômenos psíquicos organizados, passíveis de simbolização. Essa capacidade de processamento é essencial para a criação de um sistema psíquico funcional, onde impressões primitivas e indigestas podem ser integradas como experiências significativas. Contudo, na ausência dessa função, os elementos beta permanecem como sensações intoleráveis e fragmentadas, frequentemente associadas a estados psicóticos, nos quais o indivíduo é incapaz de articular suas emoções ou construir narrativas coerentes. A relevância da função alfa torna-se evidente na interação inicial entre mãe e bebê, onde a mãe, por meio de sua capacidade de *revêrie*, atua como um recipiente psíquico que transforma as projeções do bebê em formas assimiláveis. Conforme Lévy,²¹ essa relação não apenas organiza as experiências emocionais primitivas, mas também fundamenta o desenvolvimento da personalidade e do aparelho psíquico, estabelecendo uma barreira de contato entre o consciente e o inconsciente. A ausência ou falha dessa interação, simbolizada pela ausência do “seio bom”, pode levar a uma significativa disfunção emocional e ao predomínio

¹⁹ BION, W. R. *Learning from Experience*. London: Routledge, 1962.

²⁰ Cf. BLÉANDONU, *Wilfred Bion: His life and works*.

²¹ LÉVY, F. *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion: Contemporary Approaches, Actuality and the Future of Psychoanalytic Practice*. London: Routledge, 2019.

de elementos beta, limitando a capacidade do sujeito de processar sua realidade interna e externa.

Bion²² explora ainda a interdependência entre a função alfa e a capacidade de simbolizar, destacando que o aprendizado a partir da experiência é um mecanismo que conecta as emoções às estruturas cognitivas. Esse processo é exemplificado pela transformação de vivências fragmentadas em narrativas organizadas, como no caso de uma criança que aprende a andar, utilizando suas impressões sensoriais como base para a construção de repertórios psíquicos estáveis. Lévy²³ complementa essa perspectiva ao enfatizar que a função alfa é tão vital quanto a alimentação e a respiração, configurando-se como uma necessidade básica para uma personalidade vitalizada e para a continuidade da vida mental. Nessa perspectiva, a função alfa, ao operar como mediadora entre os domínios consciente e inconsciente, desempenha um papel estruturante na integração de experiências emocionais e na formação de elementos psíquicos organizados. Sua eficácia está intrinsecamente ligada à qualidade das primeiras relações emocionais e à capacidade de aceitação por parte do bebê, o que ressalta a importância do vínculo materno-infantil como base do desenvolvimento psíquico. Assim, ao assegurar a transformação de elementos brutos em materiais simbólicos, a função alfa não apenas organiza a vida mental, mas também possibilita a formação de uma personalidade coesa e resiliente frente às adversidades emocionais.

No campo do trabalho onírico, Bion²⁴ enfatiza a posição central do sonho como um mediador indispensável no processo de digestão emocional, operando a complexa tarefa de converter materiais psíquicos brutos e desorganizados em formas estruturadas e carregadas de significado simbólico. Essa transmutação é apresentada como uma etapa essencial para a arquitetura do pensamento e da memória, na qual o sonho emerge como um instrumento que organiza experiências emocionais dispersas em narrativas coerentes, dotando-as de uma lógica interna sustentada e lida com a realidade. Esse processo revela uma tensão dialética intrínseca entre as forças do caos, simbolizadas pela dispersão e fragmentação dos elementos beta, e o esforço psíquico de construção de organizações mentais integradas e coesas, aspecto amplamente investigado por Bion,²⁵ que aprofunda as nuances dessa dinâmica ao examinar os limites e as possibilidades do trabalho onírico na manutenção da vida psíquica.

Sandler,²⁶ em sua leitura de Bion, assinala que a função analítica exige um equilíbrio entre a renúncia a julgamentos e a abertura ao mistério do

²² Cf. BION, *Learning from Experience*.

²³ Cf. LÉVY, *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion*.

²⁴ BION, W. R. *Cogitations*. London: Karnac Books, 2005.

²⁵ BION, W. R. *Elements of psychoanalysis*. London: Routledge, 1989.

²⁶ SANDLER, P. C. *A Clinical Application of Bion's Concepts: Analytic Function and the Function of the Analyst*. London: Routledge, 2018.

encontro com o outro, sustentando um espaço no qual o analisando possa mergulhar em sua experiência psíquica de maneira livre e autêntica. Bion²⁷ reforça que essa postura demanda a suspensão de desejos e memórias por parte do analista, criando um campo de escuta isento de imposições valorativas e projeções autoritárias, permitindo que a psicanálise atue como via de emancipação e não de normatização. Assim, o analista deve aceitar a complexidade e a imprevisibilidade das transformações psíquicas, reconhecendo que o diálogo autêntico entre analista e analisando é a base para a descoberta de novas possibilidades no processo analítico.

A presença compassiva do analista, compreendida como a articulação entre cuidado e a capacidade de suportar a dor do outro, constitui um elemento indispensável na prática analítica, pois, conforme Bion,²⁸ vai além de explicações simplistas e exige tanto um compromisso com a verdade quanto uma aceitação da incerteza como parte inerente da experiência humana. Nesse contexto, o trabalho emocional compartilhado entre analista e analisando revela-se essencial, demandando o enfrentamento das tensões internas sem a adoção de atalhos, mas pela confrontação de paradoxos como amor e ódio, ordem e caos. Para Bion,²⁹ essa habilidade de sustentar paradoxos é um componente central do conhecimento, elucidando a complexa relação entre o que é conhecido e o que permanece velado, enquanto personalidades resistentes a esse processo, frequentemente guiadas pela inveja e pelo desejo de evitar a dor, desafiam continuamente o potencial transformador da análise.

No contexto filosófico de *Assim Falou Zaratustra*, é possível traçar uma analogia com a função alfa de Bion. Zaratustra, ao traduzir as experiências humanas caóticas em reflexões simbólicas, age como um mediador que transforma a desordem em significado, ajudando seus interlocutores a reorganizarem suas percepções. Esse movimento reflete o papel do analista, que oferece interpretações capazes de integrar aspectos fragmentados da psique. A relação entre mãe e bebê, como descrita por Bion, lança luz sobre a importância do acolhimento inicial para o desenvolvimento emocional. Ao receber e transformar as angústias do bebê, a mãe devolve-as de maneira compreensível, funcionando como um ponto de apoio psíquico. Esse processo transforma estados de caos interno em experiências organizadas, criando um terreno fértil para o crescimento emocional. A interação inicial entre mãe e bebê, assim, torna-se um modelo para a relação analítica, onde o analista ocupa o papel de facilitador do crescimento e da descoberta do outro. Essa reflexão encontra eco nas palavras de Zaratustra sobre o eterno retorno, onde o ciclo contínuo de vivências maiores e me-

²⁷ BION, W. R. *Transformations*. London: Routledge, 1985.; BION, W. R. *Clinical seminars and other works*. London: Karnac, 1987; BION, W. R. *A memoir of the future*. London: Karnac, 1991.

²⁸ BION, *Elements of psychoanalysis*.

²⁹ BION, *Learning from Experience*.

nores revela a inevitável repetição de desafios e aprendizagens inerentes à existência humana:

Ensinas que há um grande ano do vir-a-ser, uma monstruosidade de grande ano: tal como uma ampulheta, ele tem de virar sempre de novo, a fim de novamente escorrer e transcorrer: — de modo que todos esses anos são iguais a si mesmos, nas coisas maiores e também nas menores — de modo que nós mesmos somos iguais a nós mesmos em cada grande ano, nas coisas maiores e também nas menores. E, se agora quisesses morrer, ó Zaratustra: vê, nós também sabemos como falarias então contigo mesmo: — mas teus animais te pedem que ainda não morras! Falarias sem tremer, antes com aliviado suspiro de bem-aventurança; pois um peso grande e sufocante seria retirado de sobre ti, ó pacientíssimo! — ‘Agora morro e desapareço’, falarias, ‘e num instante serei nada. As almas são tão mortais quanto os corpos. Mas o nó de causas em que estou emaranhado retornará — ele me criará novamente! Eu próprio estou entre as causas do eterno retorno. Eu retornarei, com este sol, com esta terra, com esta águia, com esta serpente — não para uma vida nova ou uma vida melhor ou uma vida semelhante: — Retornarei eternamente para esta mesma e idêntica vida, nas coisas maiores e também menores, para novamente ensinar o eterno retorno de todas as coisas, — para novamente enunciar a palavra do grande meio-dia da terra e dos homens, para novamente anunciar aos homens o super-homem. Falei minha palavra, me despedaço em minha palavra: assim quer minha eterna sina — como anunciador pereço!’³⁰

A ideia do eterno retorno, conforme expressa por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, destaca a repetição cíclica e inevitável da vida como um desafio existencial que exige aceitação e transcendência, retomando e aprofundando o aforismo 341 de *A Gaia Ciência*, onde o filósofo aborda a possibilidade de viver novamente cada instante, cada dor e cada prazer, como “o maior dos pesos” que se pode suportar ou como a confirmação definitiva da vida. Nietzsche confronta o leitor com a questão fundamental: estar em harmonia consigo mesmo e com a existência, a ponto de desejar que tudo retorne eternamente, em uma eterna chancela ao que se é e ao que se vive:

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é infelizmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — e você com ela, partícula de poeira!” Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um

³⁰ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, p. 229-230.

deus e jamais ouvi coisa tão divina!” Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?” pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?³¹

O aforismo 341 de *A Gaia Ciência* elabora o eterno retorno como um dos desafios mais incisivos e profundos da filosofia nietzschiana, colocando o indivíduo diante da confrontação inevitável com a repetição cíclica e inescapável de sua vida, em toda a sua plenitude e miséria. Esse conceito, ilustrado pela figura de um demônio que sussurra ao sujeito a verdade inexorável de reviver cada dor, cada prazer, cada pensamento e cada detalhe infável de sua existência, exige uma aceitação absoluta e irrestrita do real. Descrito por Nietzsche como “o maior dos pesos”, o eterno retorno não apenas convoca o indivíduo a um confronto ético com as circunstâncias externas de sua vida, mas também o desafia a examinar a relação mais íntima consigo mesmo, provocando a reflexão sobre até que ponto ele estaria reconciliado com sua essência e história a ponto de desejar, sem reservas, que tudo se repetisse eternamente, em um ciclo ininterrupto de afirmação da existência em sua totalidade.

No campo psicanalítico, essa reflexão encontra correspondência nas formulações de Bion sobre a função alfa e a dinâmica dos elementos beta. As experiências psíquicas fragmentadas, concebidas como resíduos brutos e desprovidos de simbolização, podem ser analogamente equiparadas à repetição implacável postulada por Nietzsche, na qual o indivíduo é compelido a reviver padrões emocionais disfuncionais e fardos psíquicos não integrados. A função alfa, nesse contexto, apresenta-se como uma ferramenta indispensável na transformação desses resíduos caóticos em narrativas coerentes e significativas, permitindo a integração de experiências anteriormente dispersas no tecido psíquico do sujeito. Assim como o eterno retorno nietzschiano desafia o indivíduo a afirmar a plenitude de sua existência, incluindo suas angústias e contradições, a prática analítica exige que o analista possa assumir o papel de continente psíquico, capaz de acolher e sustentar o tumulto emocional do analisando, facilitando a transmutação dessas repetições inconscientes em possibilidades de crescimento e elaboração simbólica.

Nietzsche postula que a resposta ao eterno retorno oscila entre o desespero mais profundo e a exaltação divina, dependendo do grau de reconciliação do sujeito com a totalidade de sua existência, incluindo suas contradições mais íntimas e inelutáveis. Esse paradoxo ressoa profundamente com os princípios da psicanálise de Bion, que reconhece a convivência de opostos,

³¹ NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 205.

como amor e ódio, caos e ordem, como elementos fundamentais para o desenvolvimento psíquico. A função do analista, segundo Sandler,³² consiste em abster-se de julgamentos e de qualquer imposição autoritária, criando um espaço no qual o analisando possa confrontar e perscrutar suas contradições internas sem receio de controle ou rejeição. Tal postura, que evoca a ausência de valores judicativos defendida por Zaratustra, promove a autonomia do analisando e sua capacidade de enfrentar os paradoxos inevitáveis da existência, integrando-os de forma que sustentem seu crescimento e amadurecimento emocional. No entanto, vale ressaltar como Nietzsche e Bion oferecem visões que, embora complementares em certos aspectos, também revelam nuances de divergência no enfrentamento do “maior dos pesos”. Nietzsche desafia o sujeito a uma aceitação incondicional da vida em sua repetição eterna, um ato de afirmação radical que exige reconciliação com todas as contradições inerentes à existência. Por outro lado, Bion não apenas reconhece a carga emocional dessas repetições, mas também propõe um processo ativo de transformação, no qual o sofrimento e o caos emocional são transmutados em significado por meio da função alfa. Essa diferença ressalta que, enquanto Nietzsche enfatiza a inevitabilidade da aceitação total, Bion se concentra na criação de um espaço analítico que permite a simbolização e a integração, oferecendo ao sujeito não apenas a possibilidade de suportar o fardo, mas de ressignificá-lo em direção ao crescimento psíquico.

Por fim, como observa Bion,³³ a transformação dos elementos beta em elementos alfa requer não apenas a tolerância à frustração emocional, mas uma postura analítica que permite a suspensão de respostas automáticas, criando espaço para a simbolização. Essa postura, definida como capacidade negativa, é fundamental para o trabalho psíquico, pois permite que se transite pelo caos sem se destruir, em busca de significado. Quando relacionada ao eterno retorno de Nietzsche, essa capacidade negativa adquire uma dimensão ampliada: não se trata apenas de se reconciliar com o desconhecido, mas de confrontar o inevitável — a repetição eterna do já vivido, incluindo aquilo que se considera indesejado ou irreconciliável. Nietzsche não propõe uma aceitação resignada, mas um ato de afirmação radical, um “sim” à totalidade da existência, onde o retorno eterno de cada instante exige um compromisso ativo com o “*amor fati*” — a aceitação incondicional do ser em sua plenitude e necessidade.³⁴ Assim, enquanto Bion oferece ferramentas para transformar o sofrimento em material psíquico elaborável, o pensamento nietzschiano contribui com esse processo promovendo um convite a reencontrar, no ciclo da repetição, o impulso criativo capaz de superar o niilismo, ambos se posicionando contra a uma

³² Cf. SANDLER, *A Clinical Application of Bion's Concepts*.

³³ BION, *Learning from Experience*.

³⁴ Cf. PIRARD, *Para Leer Así Habló Zaratustra*.

posição desvitalizada de mera resignação. Essa articulação será discutida na próxima seção, com foco na capacidade negativa como uma ferramenta importante para o enfrentamento do desconhecido, a lida com o não-saber.

3. A Capacidade Negativa e o Enfrentamento do Desconhecido

A capacidade negativa, núcleo da teoria bioniana, constitui um elemento fundamental no processo analítico, representando a habilidade de sustentar estados de incerteza e dúvida, haja vista que essa competência, essencial tanto para o analista quanto para o analisando, possibilita o aprendizado emocional ao promover a abertura necessária para que significados autênticos possam emergir no espaço analítico. Segundo Bion,³⁵ essa postura exige que o analista abdique de interpretações prematuras e de respostas precipitadas, mantendo-se receptivo às associações livres do analisando e ao fluxo inconsciente que emerge espontaneamente no campo analítico. Nesse sentido, a aceitação do “não-saber” não é um estado passivo, mas um posicionamento ativo que favorece a construção de narrativas psíquicas coesas sem recorrer a teorias preexistentes. Em contrapartida, a intolerância à frustração, como aponta Bion,³⁶ constitui um dos maiores entraves a um funcionamento psíquico vitalizado, ao comprometer a operação da função alfa, que transforma experiências emocionais em conteúdos simbolizáveis. A evacuação imediata de elementos beta, gerada por essa incapacidade, interrompe o processo de digestão emocional, fragilizando o vínculo do sujeito com a realidade e intensificando ataques ao aparato psíquico responsável por mediar sua relação com o mundo.³⁷ Em contraste, a tolerância à frustração, descrita por Bion,³⁸ é indispensável para a formação de vínculos significativos, pois cria um ambiente emocional acolhedor que permite a elaboração de identificações projetivas e fomenta o diálogo com os objetos internos do sujeito. Esse processo, como já foi sugerido, é frequentemente comparado ao sistema digestivo, no qual experiências emocionais precisam ser transformadas para evitar colapsos psíquicos, deterioração psicótica ou até mesmo a morte simbólica da personalidade.³⁹

Esses conceitos encontram-se profundamente interligados, pois a capacidade negativa do analista constitui a base para sustentar as frustrações e angústias do analisando, promovendo a simbolização e integração de

³⁵ BION, *Learning from Experience*.

³⁶ *Ibid.*, p. 44.

³⁷ BION, *Cogitations*, p. 25.

³⁸ Cf. SANDLER, P. C. *The Language of Bion: A Dictionary of Concepts*. London: Karnac Books, 2005, p. 42.

³⁹ Cf. BION, *Learning from Experience*, p. 54.

experiências dolorosas. Sem essa postura receptiva, os ataques ao aparato psíquico tornam-se mais frequentes e intensos, comprometendo o progresso terapêutico e analítico. A capacidade negativa, portanto, não apenas sustenta a escuta analítica, mas também cria o alicerce emocional para que o analisando aprenda a tolerar suas próprias frustrações, favorecendo o crescimento emocional e a elaboração simbólica. Em sua obra *Learning from Experience*, Bion aprofunda a ideia de que a capacidade negativa é crucial para o trabalho analítico, definindo-a como a habilidade de permanecer em mistério e dúvida sem buscar conclusões precipitadas. Inspirado no termo cunhado por John Keats, Bion argumenta que “o analista deve aprender a tolerar o estado de dúvida e incerteza, resistindo à tentação de recorrer a teorias preexistentes ou respostas definitivas”.⁴⁰ Essa abertura, como destaca Bion⁴¹, é indispensável para compreender o pensamento emocional do analisando, exigindo do analista uma disposição para não saber previamente os significados que emergem no campo analítico. Esse estado de não-saber cria um espaço onde ligações simbólicas podem surgir de forma orgânica e autêntica, sem imposições ou artifícios teóricos.⁴²

Ora, essa discussão bioniana ressoa com a postura de Zaratustra, especialmente, quando frequentemente desafia seus interlocutores a descobrirem suas próprias verdades, evitando a imposição de certezas ou dogmas. Nietzsche, ao longo do “Prólogo de Zaratustra”, enfatiza essa dinâmica ao narrar a jornada do protagonista, que, ao abandonar sua pátria para viver na montanha, realiza uma transição radical, deslocando-se do terreno do comum para o domínio do poético, e do literal para o simbólico. A frase inicial, “aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas”,⁴³ sintetiza essa transformação ao reconfigurar a referência geográfica do lago Urmi em conceitos mais abstratos, como “pátria” e “montanha”. Assim, Nietzsche utiliza esses elementos para criar uma metáfora aberta, que transcende o contexto imediato e evoca significados universais e atemporais.⁴⁴ Nesse contexto, a “pátria” emerge como um símbolo do pertencimento, do conforto e das crenças estabelecidas, enquanto a “montanha” representa o desafio, a solidão e a liberdade. De acordo com Pirard, o deslocamento de Zaratustra entre esses dois espaços reflete mais do que um movimento geográfico; trata-se de uma transformação filosófica essencial, que remete tanto ao mito platônico da caverna quanto à tradição heraclítica da retirada do mundo comum em busca de uma visão filosófica ampliada. Essa transição, marcada pelo rompimento com a segurança da tradição, ecoa temas fundamentais da filosofia de Nietzsche, que valoriza a incerteza criativa como condição para

⁴⁰ *Ibid.*, p. 125.

⁴¹ Cf. *ibid.*, p. 130.

⁴² Cf. *ibid.*, p. 145.

⁴³ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, p. 9.

⁴⁴ Cf. PIRARD, *Para Leer Así Habló Zaratustra*.

o pensamento autêntico e emancipador. Além disso, na seção “Do país da cultura”, Nietzsche enfatiza que Zarathustra não possui pátria, destacando que o filósofo, por definição, não se prende a limitações culturais e nacionais. Para Pirard, essa rejeição da pátria representa a liberdade inalienável do pensamento filosófico, que se recusa a ser restringido por laços de identidade ou interesses locais. A metáfora da “pátria”, portanto, associa-se ao mundo das crenças consolidadas e das convenções, enquanto a “montanha” simboliza a ascensão a uma perspectiva mais ampla e criativa, necessária ao rompimento com o senso comum e à busca pelas “coisas mesmas”.

Pirard enfatiza como a metáfora da montanha, recorrente em *Assim Falou Zarathustra*, encapsula a trajetória filosófica de superação e distanciamento em relação ao mundo estabelecido. Em passagens da obra como “Do ler e escrever”, Nietzsche associa os cumes das montanhas ao pensamento filosófico autêntico, que exige uma ascensão contínua e ininterrupta, onde cada conquista é alcançada pela superação anterior, sem atalhos que negligenciem o esforço e a dedicação individual. A máxima “nas montanhas, o mais curto caminho é aquele entre um cume e outro: mas para isso tens de ter pernas compridas”⁴⁵ sintetiza essa noção, destacando que o verdadeiro avanço intelectual e espiritual está reservado àqueles que persistem no trabalho crítico e reflexivo. Nesse contexto, a elevação filosófica é também vinculada à capacidade de rir, uma habilidade reservada a quem alcança as maiores alturas, permitindo-lhes transcender as tragédias humanas com leveza criativa e liberdade intelectual. Para Pirard, essa relação entre altura e riso simboliza a essência transformadora da filosofia, que rejeita a seriedade sacralizadora dos valores cristalizados, propondo em seu lugar uma visão que questiona fundamentos e possibilita a criação de sentidos. Assim, enquanto a seriedade limita o pensamento ao imobilizar significados, o riso emerge como metáfora de leveza e renovação, potencializando a capacidade filosófica de transcender convenções e gerar perspectivas inéditas.

Pirard analisa como Nietzsche utiliza a imagem da montanha para sintetizar a transição filosófica entre a destruição de velhos valores e a criação de novos significados. No trecho “Dos transmundanos” (*Von den Hinterweltlern*) de *Assim Falou Zarathustra*, a montanha simboliza a superação da antiga ideia de Deus e o nascimento de um pensamento renovador, alimentado pelas “cinzas” do que foi destruído. Nesse cenário, a montanha deixa de ser apenas um espaço de isolamento físico para tornar-se o território das questões existenciais mais profundas, onde o homem, confrontado com o vazio deixado pela morte de Deus, encontra a possibilidade de recriar-se e de fundar novas “tábuas de valores”. Para Nietzsche, como observa Pirard, a morte de Deus não deve ser entendida como um simples ato de negação

⁴⁵ NIETZSCHE, *Assim Falou Zarathustra*.

ou ateísmo vulgar, mas como uma ruptura que oferece a oportunidade para a renovação criativa e para a ascensão às alturas solitárias e inóspitas da montanha, onde o indivíduo é desafiado a confrontar sua liberdade e responsabilidade criativa. Esse espaço, ao mesmo tempo desolador e potencialmente fértil, é o palco para a superação dos antigos fundamentos e para a construção de um mundo inteiramente novo, um processo que se revela na fala de Zaratustra:

Um dia se falou “Deus”, ao olhar para os mares distantes; mas agora vos ensinei a falar: “super-homem”. Deus é uma conjectura; mas eu quero que vossas conjecturas não excedam vossa vontade criadora. Podeis criar um deus? — Então não me faleis de deuses! Mas bem poderíeis criar o supra-homem. Talvez não vós mesmos, irmãos! Mas podeis vos converter em pais e ancestrais do super-homem: e que esta seja a vossa melhor criação! — Deus é uma conjectura: mas quero que vossas conjecturas se mantenham nos limites do pensável. (...) Deus é uma conjectura: mas quem beberia todo o tormento dessa conjectura sem morrer? Deve o criador ser privado de sua fé, e a águia, de seu pairar em distâncias aquilinas?⁴⁶

A morte de Deus, conforme salientado, representa um marco simbólico de ruptura com sistemas de valores absolutos que estruturavam a subjetividade humana, não se limitando à negação da ideia de Deus em um sentido religioso, mas implicando a destruição de bases morais e epistemológicas cristalizadas. Esse colapso, ao desarticular as antigas estruturas, deixa o sujeito em um estado de vazio e desorientação, o que, sob a ótica da psicanálise de Bion, exige a capacidade de suportar o desconhecido e transformar o caos emocional em pensamento simbólico, recorrendo a conceitos como capacidade negativa e função continente. Enquanto símbolo do desmoronamento de verdades absolutas, a morte de Deus evidencia a necessidade de o sujeito abandonar crenças que, embora outrora estruturantes, tornaram-se opressivas e limitadoras, um processo comparável ao luto psíquico, no qual a perda de identificações internas obsoletas abre espaço para o desenvolvimento. Para Bion, a capacidade de tolerar o vazio e o caos emocional, que emerge com a ausência de certezas, é indispensável para que o sujeito elabore novas formas de significado, ressaltando a relevância da capacidade negativa como a habilidade de permanecer em um estado de incerteza produtiva, sem buscar refúgio em soluções imediatas ou respostas consoladoras.

Além disso, a ideia nietzschiana da morte de Deus dialoga com o conceito bioniano de “O”, o que revela uma relação possível entre a experiência do absoluto e do desconhecido, investigando as dimensões da existência que não se limitam ao racional e ao previsível. Vale dizer que o conceito de “O” em Bion, introduzido em sua obra *Elements of Psycho-Analysis*, é

⁴⁶ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, p. 83.

descrito como o incognoscível, representando uma realidade última ou verdade absoluta que transcende os limites da cognição e do pensamento racional. De acordo com Sandler,⁴⁷ “O” é uma dimensão inacessível diretamente, mas que pode ser experienciada por meio de transformações psíquicas, exigindo do sujeito uma postura receptiva e a capacidade de sustentar estados emocionais caóticos. Esse conceito conecta-se ao trabalho analítico ao representar a busca contínua pela verdade, acessível apenas indiretamente por meio de simbolizações e processos psíquicos complexos. Nesse sentido, Bion destaca que o acesso a “O” demanda o uso da capacidade negativa, haja vista que, conforme Sandler,⁴⁸ essa capacidade permite que o analista e o analisando permaneçam abertos às possibilidades emergentes, criando espaço para a elaboração de conteúdos inconscientes e para a construção de novos significados. Assim, “O” não é um objeto ou um conceito a ser alcançado, mas uma experiência que reflete o encontro com o desconhecido e o inominável, fundamental para o processo de transformação psíquica.

A partir dessas considerações, na psicanálise bioniana, “O” é o incognoscível, uma dimensão que desafia os limites do pensamento e da experiência emocional, acessível apenas por meio de transformações psíquicas que exigem a tolerância ao caos e à incerteza. Essa abertura receptiva ecoa no eterno retorno de Nietzsche, onde o sujeito é convocado a aceitar a vida em sua totalidade, incluindo seus aspectos mais desconcertantes e repetitivos, como condição para a criação de novos valores. Nesse sentido, Zaratustra atua como mediador, oferecendo não respostas definitivas, mas parábolas e provocações filosóficas que desafiam seus interlocutores a enfrentarem suas certezas consolidadas e a abraçarem o desconhecido. Essa dinâmica, comparável à postura do analista em Bion, enfatiza que a transformação ocorre apenas quando se suporta o desconforto e a ausência de garantias, permitindo que o novo possa se manifestar.

Essa discussão, por conseguinte, evidencia-nos como, para Bion, o místico não se refere ao religioso no sentido convencional, mas a uma experiência psíquica que permite ao indivíduo conectar-se com “O”, um contato que exige abertura, humildade e uma capacidade de tolerar o que não pode ser controlado ou compreendido por meios racionais. Nietzsche, por sua vez, rejeita a religião tradicional, mas incorpora uma dimensão mística em sua filosofia por meio da aceitação do trágico e da afirmação incondicional da vida. Para ele, o místico reside na relação transformadora com o incognoscível, que exige de cada um não apenas coragem para enfrentar o sofrimento e as contradições da existência, mas também a capacidade de criar valores novos e afirmativos. O ideal do *Übermensch*

⁴⁷ Cf. SANDLER, *The Language of Bion*, p. 173.

⁴⁸ Cf. SANDLER, *The Language of Bion*, p. 175.

e o conceito do eterno retorno exemplificam essa perspectiva, ao propor que o ser humano transcenda os limites impostos por valores dados pela cultura, afirmando a vida em sua totalidade, inclusive em suas dimensões mais dolorosas e ininteligíveis. Ambos reconhecem que o encontro com o absoluto — seja representado por “O” em Bion ou pelo eterno retorno em Nietzsche — exige uma disposição para suportar a incerteza e para aceitar o caos como parte constitutiva da experiência humana. Essa capacidade de se abrir ao novo, de não sucumbir à necessidade de certezas reconfortantes, torna-se central tanto para o crescimento psíquico quanto para a criação filosófica.

Contudo, conforme foi visto anteriormente, Nietzsche parece enfatizar a autonomia radical e a capacidade de criar valores a partir da própria experiência e confronto com o incognoscível, destacando o papel do indivíduo como agente ativo de sua transformação. Em contraste, Bion reconhece a importância de uma função continente, como a relação analítica, para mediar as angústias intensas e primitivas associadas ao contato com “O”. Enquanto Nietzsche foca na autossuficiência do indivíduo em sua relação com o trágico, Bion sublinha a necessidade de um espaço de contenção e elaboração compartilhado, que permita ao sujeito enfrentar o desconhecido sem ser destruído por ele. Essa tensão entre autonomia e intersubjetividade não diminui as contribuições de ambos, mas enriquece o campo de reflexões sobre o místico como dimensão transformadora da existência. Se Nietzsche nos inspira a abraçar o desconhecido com coragem criativa e a transcendermos os limites do que é dado, Bion nos lembra da importância das relações que oferecem suporte psíquico e contenção diante das angústias existenciais. Juntas, suas perspectivas não apenas ampliam nossa compreensão do místico, mas também nos convidam a reimaginar os caminhos pelos quais a experiência humana pode se abrir ao absoluto e ao infinito.

Essa jornada, portanto, é sustentada pela busca pela verdade, que Bion concebe como um impulso instintivo inerente ao ser humano. Como apontado por Grotstein,⁴⁹ essa busca fundamenta o conceito de transformações, permitindo a passagem da Verdade Absoluta, impessoal e indiferente, para o significado subjetivo e pessoal. Esse movimento dialético, que parte do universal e encontra sua expressão no particular, não apenas reflete a dinâmica do processo analítico, mas também dialoga com questões filosóficas sobre a natureza do ser e do saber. A transformação da verdade em significado não elimina o mistério do “O”, mas o incorpora como elemento central na construção da subjetividade e no enfrentamento das complexidades da existência.

⁴⁹ GROSTEIN, J. *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. London: Routledge, 2024.

4. A Voz de Zaratustra e a Escuta do Analista: o caminho das transformações

O Zaratustra nietzschiano é marcado por uma ambiguidade essencial que articula a tensão entre a inspiração para a autonomia e a apresentação de valores que podem parecer normativos e universais. Zaratustra opera como um guia filosófico que rejeita verdades absolutas e sistemas fixos, utilizando metáforas, parábolas e imagens simbólicas para desafiar seus interlocutores a transcenderem a “moral de rebanho” e a criarem seus próprios valores. No entanto, seu tom categórico e suas ideias, como o *Übermensch* e o eterno retorno, frequentemente assumem uma postura profética de um mestre que sugere a substituição de antigos valores por novos ideais que, embora transformadores, podem ser interpretados como normativos. Essa dualidade entre emancipação e imposição reflete a complexidade do projeto nietzschiano, que busca instigar a criação contínua de sentido em meio ao caos, sem oferecer um sistema fechado ou verdades definitivas. Assim, Zaratustra encarna o paradoxo da liderança filosófica, desafiando seus interlocutores a confrontarem suas limitações, ao mesmo tempo em que os provoca a se engajarem na construção de novos horizontes de significado, tarefa que demanda tanto a destruição do passado quanto a coragem de inovar. Essa ambivalência torna Zaratustra uma figura multifacetada, que não apenas inspira, mas também desafia os próprios pressupostos da liberdade e da criação de valores.

Em meio a essa ambiguidade, a linguagem de Zaratustra se apresenta como um recurso fundamental que vai além da simples transmissão de ideias, operando como um instrumento de transformação filosófica e subjetiva. Ao recorrer a metáforas, parábolas e uma comunicação poética, Zaratustra constrói um discurso que não oferece respostas definitivas, mas convida o interlocutor a participar ativamente do processo de significação, promovendo múltiplas interpretações e desafiando a lógica convencional. Essa abordagem dialoga profundamente com a prática psicanalítica, na qual o analista trabalha com os elementos do inconsciente, como sonhos e fantasias, que também exigem uma interpretação simbólica e não linear. Por conseguinte, tanto Zaratustra quanto o analista ocupam um espaço simbólico, no qual a emergência de conteúdos latentes é incentivada, permitindo que o sujeito confronte verdades ainda não vistas e elabore novos significados. Além disso, o uso estratégico do silêncio por Zaratustra, que interrompe suas palavras para abrir espaços de reflexão, ecoa o silêncio do analista na clínica, criando condições para que o analisando investigue associações e elabore seus conflitos de maneira orgânica. Assim, a linguagem poética e simbólica de Zaratustra não apenas inspira transformação, mas também reflete a crença nietzschiana na dinamicidade do conhecimento e na necessidade constante de recriação, afastando-se de imposições autoritárias e reafirmando a autonomia do pensamento.

A reconstrução nietzschiana do Zaratustra nos possibilita repensar a prática psicanalítica a partir de um diálogo com a teoria bioniana das transformações, evidenciando pontos de convergência que vão além das fronteiras entre filosofia e psicanálise. Esse movimento é, conforme já vimos, ressonante com o trabalho do analista descrito por Bion, que, ao utilizar conceitos como capacidade negativa e função continente, sustenta estados de caos emocional e permite que o analisando simbolize e elabore experiências brutas em narrativas significativas. A relação entre essas duas perspectivas revela que tanto Zaratustra quanto o analista bioniano ocupam um espaço simbólico onde o desconhecido não é algo a ser eliminado, mas um elemento essencial para o processo de transformação. Entretanto, enquanto Zaratustra opera por meio de metáforas e provocações que desestabilizam sem destruir, criando um espaço para a autonomia e a reconstrução de valores, o analista bioniano adota uma postura que equilibra o silêncio reflexivo e a intervenção provocativa, permitindo ao analisando investigar suas próprias angústias e potencialidades em um ambiente suficientemente seguro. Ambos rejeitam estruturas rígidas e soluções preestabelecidas, enfatizando que a verdadeira transformação exige um enfrentamento ativo com o caos e a incerteza, condições indispensáveis para a emergência de novos horizontes de sentido. A postura filosófica de Zaratustra, que desafia a moral de rebanho e convoca seus interlocutores a transcenderem as limitações do que receberam de sua cultura, encontra eco na prática psicanalítica que valoriza a singularidade do sujeito e sua capacidade de criar valores psíquicos.

Além disso, o confronto com o *establishment*, conforme elaborado por Bion, é central pensarmos a proximidade de sua clínica com o pensamento nietzschiano. Bion utilizou esse termo para descrever as forças socioculturais e institucionais que, ao moldarem tanto a sociedade quanto a psicanálise, podem limitar a criatividade e a autonomia do indivíduo.⁵⁰ Essas forças incluem estruturas internas, como o “*establishment* introjetado”, que reflete a conformidade inconsciente às normas grupais, frequentemente observada em analisandos psicóticos, e externas, como instituições que perpetuam valores conservadores. Ora, o Zaratustra nietzschiano questiona as bases da metafísica e da moralidade tradicionais, propondo o *Übermensch* como um ideal de superação criativa, assim como Bion subverte o dogmatismo técnico da psicanálise clássica ao enfatizar que o trabalho do analista não é oferecer uma cura normativa, mas criar um espaço relacional onde a transformação possa emergir de forma genuína. Assim como Zaratustra provoca sem anular a autonomia de seus interlocutores, o analista deve ser capaz de confrontar o analisando com verdades difíceis, mas sempre respeitando a singularidade e os limites éticos da relação analítica. Nesse sentido, ambos modelos evitam a imposição de significados e rejeitam o autoritarismo como meio de transformação.

⁵⁰ Cf. SANDLER, *The Language of Bion*, p. 179.

A neutralidade analítica, tradicionalmente entendida como distanciamento absoluto, é ressignificada em um modelo clínico que dialoga com o Zaratustra nietzschiano e as transformações bionianas, sendo reconcebida como uma “neutralidade engajada” que reconhece a participação ativa do analista no processo analítico. Esse modelo destaca que o trabalho do analista não deve limitar-se a observar passivamente, mas envolver-se criativamente, equilibrando sua subjetividade com o rigor ético necessário para sustentar um espaço de co-criação. Diferentemente de uma prática voltada para a “cura” normativa, esta abordagem privilegia o enfrentamento de conflitos e a elaboração de significados, permitindo que o encontro analítico se torne um campo de transformação genuína. Inspirada também pela capacidade negativa de Bion, essa neutralidade engajada promove a incerteza como uma ferramenta produtiva, ao passo que técnicas como a improvisação e o jogo são incorporadas para fomentar um equilíbrio entre criatividade e ética, sem comprometer a singularidade do processo. Nesse contexto, o analista deixa de ser uma figura de autoridade e transforma-se em um facilitador de crescimento, criando um espaço onde a construção de sentido emerge como uma experiência compartilhada e radicalmente renovadora.

As subversões inspiradas por Zaratustra não objetivam desestruturar a psicanálise, mas ampliá-la, desafiando seus pressupostos normativos ao rejeitar o dogmatismo técnico, reconceituar a neutralidade e valorizar o “não-saber” como pilares de uma prática voltada à singularidade e à transformação. Nesse campo relacional, ao invés de buscar soluções definitivas ou um estado final idealizado, valoriza-se o processo contínuo de transformação, no qual o inacabado e o incerto não são obstáculos, mas elementos constitutivos do trabalho analítico. Como o Zaratustra nietzschiano transcende o Zaratustra histórico, a psicanálise bioniana, ao mesmo tempo em que questiona as bases tradicionais, enriquece e amplia a psicanálise, reafirmando sua relevância como um espaço de transformação e liberdade, estabelecendo uma relação significativa entre a arte e a psicanálise, propondo que ambas envolvem processos de transformação que permitem representar e compartilhar a realidade. Em sua reflexão sobre a pintura de Claude Monet, por exemplo, *The Poppy Field*, ele observa que, apesar das diferenças entre o campo de papoulas original e sua representação na tela, há elementos invariantes que permitem o reconhecimento e a compreensão da obra como uma representação daquela realidade. Esse conceito de invariantes torna-se central para sua teoria das transformações, que sustenta a psicanálise como uma prática que busca compreender a realidade psíquica, uma dimensão muitas vezes intangível e inacessível diretamente, mas que pode ser revelada por meio de representações intermediárias.⁵¹

⁵¹ Cf. LÉVY, *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion*.

Essa ideia de transformação nos leva a pensar no conceito nietzschiano de metamorfose estruturado como um processo progressivo, que conduz da alienação à criação e à responsabilidade. Nesse sentido, a análise antropológica é indispensável, uma vez que Nietzsche posiciona o “último homem” como a antítese do espírito humano plenamente desenvolvido. O último homem é descrito como uma figura marcada pelo cansaço diante da história, um ser que perdeu a capacidade de se desafiar e transcender a si mesmo. Assim, é considerado um ser incompleto e algo a ser superado, sendo frequentemente associado a metáforas de impureza e estagnação, como um “rio impuro”. Esse diagnóstico conduz à necessidade de transformação, a qual Nietzsche articula no caminho para o *Übermensch*, que se realiza através das etapas do camelo, do leão e da criança. É o que nos assinala Nietzsche:

Três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança. Há muitas coisas pesadas para o espírito, para o forte, resistente espírito em que habita a reverência: sua força requer o pesado, o mais pesado. (...) Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto. Mas no mais solitário deserto acontece a segunda metamorfose: o espírito se torna leão, quer capturar a liberdade e ser senhor em seu próprio deserto. (...) Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo. Três metamorfoses do espírito eu vos mencionei: como o espírito se tornou camelo, o camelo se tornou leão e o leão, por fim, criança.⁵²

Nesse contexto, as três metamorfoses do espírito não apenas delineiam um percurso individual de superação, mas também inauguram um modo de pensar pautado na construção contínua e na abertura para a autorrealização. Este modelo enfatiza que cada etapa deve ser superada não para anulá-la, mas para integrá-la em um nível superior de existência, onde o espírito humano consegue se afirmar plenamente em sua liberdade criativa. Conforme Beya,⁵³ o camelo, primeira fase dessa transformação, é caracterizado pela submissão reverente às exigências externas, carregando os pesos impostos pela metafísica, moralidade e tradição, o que o mantém enredado em uma lógica de obediência e aceitação acrítica. Esse estágio, entretanto, não pode ser definitivo, pois o esgotamento desse modelo culmina na metamorfose para o leão, que simboliza a ruptura ativa com o passado e a negação das autoridades transcendentais, personificadas no “grande dragão” do “Tu deves”.⁵⁴ No entanto, como destaca Yates,⁵⁵ a liberdade conquistada pelo

⁵² NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, p. 25-26.

⁵³ Cf. BEYA, *Friedrich Nietzsche*.

⁵⁴ Cf. *ibid.*

⁵⁵ YATES, P. *The Three Metamorphoses and Philosophy*. In: LUCHTE, J. (Ed.). *Nietzsche's Thus Spoke Zarathustra: before sunrise*. London: Bloomsbury Publishing, 2008.

leão é essencialmente negativa, pois, ao se limitar à destruição, ainda não alcança a criação de novos valores, tarefa reservada ao estágio seguinte: o espírito de criança. Essa última etapa, que integra inocência e criatividade, representa a superação do niilismo, onde o indivíduo transcende a negação para afirmar a vida com um “sim sagrado” e inaugurar um universo de possibilidades inéditas. Nesse contexto, a metáfora do jogo, como enfatiza Nietzsche, sintetiza a essência dessa liberdade criadora, uma força que não se limita a responder ao passado, mas que projeta o ser em direção ao devir, afirmando a existência em toda a sua complexidade e plasticidade. Assim, as metamorfoses, ao articularem submissão, negação e criação, encarnam o projeto nietzschiano de uma filosofia afirmativa que rejeita fundamentos estáticos em favor de um movimento contínuo de revalorização dos valores e do amor ao destino, refletindo a dinâmica de um espírito plenamente emancipado.⁵⁶

De modo similar, a relação entre analista e analisando é concebida como um espaço de transformação, onde o analista atua como continente para as angústias projetadas, permitindo a simbolização de experiências emocionais caóticas. Zaratustra, em seu encontro com o equilibrista, exemplifica essa dinâmica ao assistir ao fracasso do artista em atravessar a corda, não condenando-o, mas reconhecendo o valor da tentativa e sustentando a visão de que a transformação ocorra mesmo diante da queda. Da mesma forma, o analista acolhe e processa os “fracassos” do analisando, permitindo que ele elabore seus conflitos, o que nos leva a observar como Bion examina as transformações que emergem no processo analítico, utilizando situações clínicas para demonstrar a maneira pela qual as dinâmicas entre analisando e analista podem desencadear reconfigurações psíquicas vitalizantes. Em uma de suas análises, relatadas em *Transformations*, Bion descreve o sonho de um analisando em que um tigre e um urso engajam-se em uma luta violenta, uma imagem que ele conecta ao temor da separação no final de semana e que associa aos medos primordiais da cena primária e do complexo de Édipo. Esse caso exemplifica o conceito de “movimentos rígidos”, no qual as transformações preservam invariantes ao manter uma relação direta entre os conteúdos enunciados pelo analisando e as associações transferenciais que ele projeta no analista.⁵⁷ Esse sonho não apenas reflete o estado de turbulência emocional vivenciado pelo analisando, mas também ilumina as dinâmicas inconscientes que estruturam a relação transferencial, onde as figuras do tigre e do urso podem ser vistas como representações simbólicas de angústias arcaicas e dos conflitos internos projetados na figura do analista. Ao interpretar esse material, Bion demonstra como o trabalho analítico permite que elementos inicialmente fragmentados sejam gradualmente organizados em uma narrativa mais coerente, possibilitando

⁵⁶ Cf. YATES, *The Three Metamorphoses and Philosophy*.

⁵⁷ Cf. BION, *Transformations*, p. 47; LÉVY, *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion*.

ao analisando elaborar os sentimentos de perda e separação e integrá-los à sua experiência psíquica de forma menos disruptiva.

Bion também identifica transformações mais disruptivas, como as “transformações projetivas”, que envolvem deslocamentos significativos de conteúdos internos para objetos externos, por exemplo, no caso clínico de um analisando borderline que manifesta na sessão comportamentos fragmentados e uma linguagem incoerente, demonstrando como ansiedades internas são projetadas no ambiente terapêutico e no analista, criando uma dinâmica marcada por violência emocional e externalização de objetos internos. Essas transformações projetivas frequentemente destroem os significados originais, resultando em um vazio simbólico que dificulta o progresso analítico, de modo que essa “catástrofe” na organização psíquica do analisando evidencia o impacto de ansiedades primitivas na dinâmica transferencial e a complexidade do trabalho analítico. A partir dessas análises, Bion desenvolve sua concepção de que a análise é um processo de transformação mútua, no qual tanto o analisando quanto o analista se submetem a reorganizações internas que geram turbulências emocionais. O vínculo analítico, descrito como uma troca dinâmica de conhecimento (vínculo K), transforma ambos os participantes, ampliando sua capacidade de tolerar frustrações e de integrar experiências emocionais. Essa perspectiva evidencia que o objetivo da análise vai além da resolução de sintomas, promovendo crescimento psíquico e emocional tanto no analisando quanto no analista.

Tendo em vista isso, Bion ressalta a necessidade de o analista manter um equilíbrio entre identificação empática com o analisando e o distanciamento crítico, possibilitando a compreensão dos significados implícitos nas transformações observadas. Sua abordagem, que enfatiza a “neutralidade engajada”, aproxima-se da crítica de Nietzsche à compaixão, especialmente ao considerar que o analista, tal como Zarathustra, não deve aliviar o sofrimento do analisando de forma impulsiva ou consoladora, mas criar um espaço onde esse sofrimento possa ser sustentado e transformado. No trecho “que importa minha compaixão? A compaixão não é a cruz em que pregam aquele que ama os homens? Mas minha compaixão não é crucificação”,⁵⁸ o filósofo rejeita a compaixão que infantiliza e reforça a dependência, propondo que o respeito à capacidade do indivíduo de superar suas dores é essencial para sua autonomia. De forma semelhante, a prática analítica de Bion visa construir um espaço terapêutico que acolha tanto as desorganizações quanto as possibilidades de integração, permitindo que o processo analítico promova crescimento e transformação genuínos sem desviar-se do respeito pela singularidade e pela força do analisando para enfrentar suas próprias dificuldades.⁵⁹

⁵⁸ NIETZSCHE, *Assim Falou Zarathustra*, p. 13.

⁵⁹ Cf. LÉVY, *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion*.

Ilustrada pela metáfora de um lago cuja superfície reflete as árvores nas margens, a teoria bioniana sugere que a realidade em sua essência (“O”) é inatingível diretamente, sendo perceptível apenas por meio de transformações mediadas pela perspectiva do observador e pelas condições atmosféricas que modificam as aparências. Nesse contexto, o analista encontra-se numa posição semelhante à de um observador do lago, limitado àquilo que o analisando comunica, sem acesso direto à realidade última, mas consciente das distorções impostas pelas transferências e contratransferências. Ao introduzir os fatores L, H e K, Bion enfatiza que essas letras representam, respectivamente, o amor (*Love*), o ódio (*Hate*) e o conhecimento (*Knowledge*), e configuram conjunções e vínculos significativos mesmo sem causalidade lógica, pois traduzem necessidades psicológicas fundamentais do observador. Esses fatores moldam tanto as dinâmicas relacionais quanto as formas como analisando e analista lidam com as experiências emocionais. Essa busca por sentido, como ele ressalta, é movida pelo medo de que a ausência de significado seja equivalente à perda ou destruição emocional, algo que remete à experiência primária do “seio ausente” e ao impacto simbólico de uma falta vivida como qualidade do objeto. Portanto, as transformações analíticas podem tanto promover integrações enriquecedoras quanto dar lugar à degradação de significados, evidenciando que a compreensão psíquica requer a capacidade de conter estados emocionais intensos, evitando que o vazio simbólico se transforme em distorções irrecuperáveis.

Para Bion, a tarefa do analista consiste em navegar as turbulências emocionais que emergem no processo analítico, identificando os elementos invariáveis que subjazem às transformações e possibilitando a construção de novos sentidos no espaço terapêutico. Nesse contexto, nenhuma experiência emocional é isolada, sendo mediada por uma intrínseca conexão com o outro. Em contrapartida, o conceito de transformação em alucino-se, desenvolvido por Bion, descreve alterações em que eventos mentais são convertidos em impressões sensoriais desprovidas de significado, frequentemente como estratégias inconscientes para evitar o confronto com realidades dolorosas. Tais transformações alucinatórias podem surgir mesmo em analisandos neuroticamente organizados, destacando o conflito entre as intervenções analíticas e as resistências do analisando, que, ao tentar afirmar a superioridade de suas defesas, desafia o próprio processo terapêutico. Para lidar com essas dinâmicas, Bion propõe a noção de *at-one-ment*, uma postura que exige do analista completa receptividade à experiência analítica, demandando o abandono de memória, desejo e compreensão para alcançar o “O”, a realidade última que transcende o sensorial e o lógico. Essa abordagem, que implica revisões constantes na prática e no treinamento do analista, enfatiza a necessidade de enfrentar zonas de obscuridade psíquica, reafirmando o caráter transformador do encontro analítico.

No *setting* analítico, o ambiente de continência se torna fundamental para que o analisando atravessasse o vazio deixado pela destruição de antigos valores e alcance a criatividade necessária para se reconstruir, o que nos leva a pensar que criar valores, tanto para Nietzsche quanto para Bion, exige coragem para enfrentar o desconhecido, transformando-o de obstáculo em oportunidade de crescimento, uma tarefa que demanda, no processo analítico, uma base psíquica sólida sustentada pela relação analítica. Nesse processo, o analista não fornece respostas prontas, mas cria um espaço onde o analisando elabora suas angústias e encontra singularidade em suas criações, daí que a metáfora nietzschiana do criador que destrói e constrói descreve a dinâmica psicanalítica: a destruição de valores obsoletos, comparada ao trabalho com elementos beta, é o passo necessário para transformá-los em elementos alfa e assim gerar significados que promovam uma relação mais autêntica consigo mesmo e com o mundo. Contudo, esse processo, em ambos os campos, requer a capacidade de suportar o vazio e a incerteza, condições indispensáveis tanto para a criatividade nietzschiana quanto para a função psíquica descrita por Bion. Assim, a criação emerge como um processo dialético que integra destruição e construção, revelando-se não apenas como um movimento individual, mas como uma prática relacional que se realiza na interface entre coragem, continência e a busca por transformação. Como dirá Zaratustra:

Queres ir para a solidão, meu irmão? Queres buscar o caminho para ti mesmo? Detém-te um pouco mais e me escuta. “Quem busca facilmente se perde. Todo isolamento é culpa”: assim fala o rebanho. E durante muito tempo pertenceste ao rebanho. A voz do rebanho ainda ressoará dentro de ti. E, quando disseres “Já não tenho a mesma consciência que vós”, isso será um lamento e uma dor. Vê, essa dor mesma foi gerada por tal consciência, e o último reluzir dessa consciência ainda arde na tua aflição. Mas queres seguir o caminho da tua aflição, que é o caminho para ti mesmo? Então me mostra teu direito e tua força para isso!⁶⁰

Para Zaratustra, aquele que ama a si mesmo também aprende a desprezar, sugerindo que o amor autêntico implica um movimento de superação que desafia as concepções mais arraigadas. Criar, para o filósofo, é um gesto que nasce do desprezo, pois amar verdadeiramente exige ultrapassar os limites do que se ama, enfrentando a necessidade de transformação. Esse chamado à solidão criadora não é uma fuga, mas um imperativo para a construção de algo além do dado, um processo que envolve tanto destruição quanto inovação. A metáfora de criar além de si mesmo, mesmo ao custo de perecer, ressoa com a psicanálise bioniana, pois assim como o criador nietzschiano que perece em seu próprio ato criativo, o processo analítico exige o enfrentamento do caos, considerando que a solidão, acompanhada do amor e do criar, torna-se um espaço relacional em que a transformação

⁶⁰ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, p. 62.

é simultaneamente uma experiência de perda e de renascimento. É o que transparece a seguir:

Criar — eis a grande libertação do sofrer, e o que torna a vida leve. Mas, para que haja o criador, é necessário sofrimento, e muita transformação. Sim, é preciso que haja muitos amargos morreres em vossa vida, ó criadores! Assim sereis defensores e justificadores de toda a transitoriedade. Para ser ele próprio a criança recém-nascida, o criador também deve querer ser a parturiente e a dor da parturiente. Em verdade, através de cem almas percorri meu caminho, e de cem berços e dores de parto. Muitas vezes me despedi, conheço as pungentes horas finais. Mas assim quer minha vontade criadora, meu destino. Ou, para dizê-lo mais honestamente: é justamente esse destino — o que deseja minha vontade⁶¹.

Na filosofia e na psicanálise, a criatividade emerge como um ato que exige a coragem de abandonar o familiar e enfrentar o desconhecido. Para Nietzsche, o desprezo pelos valores herdados é uma crítica à moralidade tradicional, que perpetua fraqueza e submissão; para Bion, o processo analítico demanda desconstruir padrões internos que obstruem o desenvolvimento psíquico. Assim como Zaratustra sustenta o paradoxo entre destruição e criação, o analista oferece um espaço de continência que possibilita ressignificação e crescimento. Ambos reconhecem a dor não como algo a ser negado, mas como elemento fundamental para a construção de novas formas de existir. A “neutralidade engajada” do analista, associada à função alfa e à capacidade de continência, torna possível que o processo criativo dialogue com as resistências e se torne um ato de transformação.

Considerações finais

O presente artigo buscou articular um diálogo interdisciplinar entre o pensamento nietzschiano, especialmente, em *Assim Falou Zaratustra*, e a psicanálise bioniana, tentando se aproximar de possíveis contribuições para a clínica psicanalítica. Nessa perspectiva, buscou-se pontos de convergência, analisando de que modos conceitos como o *Übermensch* de Nietzsche e as ideias bionianas de função continente, capacidade negativa e “O” podem se complementar na compreensão e elaboração de nossas experiências emocionais, remetendo a uma jornada incerta entre o passado e o futuro, entre crenças antigas e a liberdade de criar valores. Por sua vez, como foi possível observar, o Zaratustra nietzschiano não é um mestre no sentido tradicional, assim como o analista não é um mero espelho para seus analisandos, uma simples parede fria disposta a tão somente refletir

⁶¹ *Ibid.*, p. 84.

reflexos opacos. Na psicanálise bioniana, a transformação psíquica emerge da capacidade do analista de operar como um continente psíquico, sustentando as projeções emocionais desordenadas do analisando, conhecidas como “elementos beta”, e promovendo sua transformação em experiências simbolizadas e organizadas, os “elementos alfa”, logo, de uma relação intersubjetiva que possibilita um sonhar a dois, distanciando-se assim de uma neutralidade absoluta que mais se aproximaria, se loucura houver, de uma *folie à deux*, isso quando a loucura não for mérito apenas do analista intransigente em sua técnica inquestionável.

De maneira convergente, Zaratustra, como figura filosófica, enfatiza a autonomia, a criatividade e o respeito à singularidade do sujeito, paralelismo que se evidencia especialmente nas “três metamorfoses do espírito”, na qual Nietzsche descreve a transição do camelo, simbolizando a submissão e o peso de valores estabelecidos, para o leão, que representa a rebeldia e a ruptura com tais imposições, culminando na figura da criança. Esta, por sua espontaneidade e criatividade, encarna a liberdade para criar significados, refletindo a própria essência da função alfa na psicanálise: a capacidade de transformar ou mesmo conviver com as turbulências emocionais que nos constituem. A capacidade negativa, conceito fundamental de Bion, revela-se indispensável para lidar com as incertezas e ambiguidades da experiência analítica, o que pode se aproximar do desafio filosófico do “Eterno Retorno” de Nietzsche, no qual cada um é instado a afirmar sua existência em toda a sua plenitude, incluindo os aspectos mais difíceis e repetitivos da vida. Assim como Zaratustra provoca seus ouvintes a explorar territórios desconhecidos, o analista, inspirado pela postura do filósofo, precisa sustentar um espaço simbólico no qual o analisando possa visitar e ressignificar os padrões emocionais que o estruturam. Nesse contexto, “o peso mais pesado” emerge como uma metáfora do ato de carregar o fardo emocional como uma prática que exige não apenas resiliência, mas também a capacidade de contenção psíquica e enfrentamento reflexivo, o que ressalta o vínculo entre a prática psicanalítica e a filosofia como meios de transformação criativa. Por conseguinte, no “Caminho do Criador”, Nietzsche relembra a urgência de destruir valores antigos como condição para que novos possam emergir, destacando que o processo criativo está imbricado no sofrimento e na transformação do sujeito

Por fim, as reflexões apresentadas neste artigo convidam à continuidade do diálogo entre filosofia e psicanálise, indicando que suas interseções podem abrir novos horizontes, pois, ao posicionar o Zaratustra de Nietzsche como uma possível inspiração epistemológica para a clínica psicanalítica, evidencia-se seu potencial para questionar práticas que desconsideram o papel e a responsabilidade do psicanalista no processo analítico. Nesse sentido, o Zaratustra de Nietzsche, à luz da psicanálise bioniana, ilustra

como analista e analisando enfrentam o desconhecido de forma criativa e transformadora. Além de enriquecer a prática clínica e o pensamento filosófico, essas abordagens sugerem uma tarefa ética compartilhada: a de acolher o caos e permitir que dele possam emergir novos horizontes de liberdade e autonomia.

Referências

ASSOUN, P.-L. *Freud and Nietzsche*. Trad. L. Collier Jr. London; New York: Continuum, 2002.

BEYA, E. M. *Friedrich Nietzsche: une pensée en perpétuelle métamorphose*. Louvain-la-Neuve: Éditions Academia, 2024.

BION, W. R. *Attention and interpretation: A scientific approach to insight in psychoanalysis and groups*. Routledge, 2013.

BION, W. R. *Clinical seminars and other works*. London: Karnac, 1987.

BION, W. R. *A memoir of the future*. London: Karnac, 1991.

BION, W. R. *Cogitations*. London: Karnac Books, 2005.

BION, W. R. *Learning from Experience*. London: Routledge, 1962.

BION, W. R. *Elements of psychoanalysis*. London: Routledge, 1989.

BION, W. R. *Transformations*. London: Routledge, 1985.

BLÉANDONU, G. *Wilfred Bion: His life and works*. New York: Other Press, 2000.

COUSINEAU, R. H. *Zarathustra and the Ethical Ideal: Timely Meditations on Philosophy*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

GROTSTEIN, J. *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. Routledge, 2024.

LÉVY, F. *Psychoanalysis with Wilfred R. Bion: Contemporary Approaches, Actuality and the Future of Psychoanalytic Practice*. Routledge, 2019.

NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das letras, 2012.

NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, F. W. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, F. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- PIPPIN, R. B. (Ed.). *Introductions to Nietzsche*. Cambridge University Press, 2012.
- PIRARD, E. C. *Para Leer Así Habló Zarathustra: Nietzsche*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria, 2002.
- SANDLER, P. C. *A Clinical Application of Bion's Concepts: Analytic Function and the Function of the Analyst*. Routledge, 2018.
- SANDLER, P. C. *The Language of Bion: A Dictionary of Concepts*. London: Karnac Books, 2005.
- YATES, P. The Three Metamorphoses and Philosophy. In: LUCHTE, J. (Ed.). *Nietzsche's Thus spoke Zarathustra: before sunrise*. London: Bloomsbury Publishing, 2008.